

A LÍNGUA DO POVO KARIRI-XOCÓ E SUA EXPRESSÃO POLÍTICO-CULTURAL

Elizabete Costa Suzart (Pós Crítica/UNEB)⁷

Resumo: Trata-se de uma investigação crítica sobre a Língua do Povo Kariri-Xocó e sua expressão político-cultural. Considera-se critérios de análise pautados no estudo comparado da Língua Indígena, Dzubukuá, com a Língua Portuguesa, a seleção de vocábulos e expressões a serem transcritos de acordo com as Normas do Alfabeto Fonético Universal, discussão acerca da Política de Língua Indígena, no Brasil, e engajamento coletivo para preservar essa língua junto ao bilinguismo. Nesse sentido, o desenho teórico-metodológico se constrói numa perspectiva etnográfica que busca registros da Língua Indígena, Dzubukuá, coletados em entrevistas e observação de suas manifestações artístico-culturais (Oficinas e Rituais). Além disso, leitura de bibliografias selecionada, contendo a visão de teóricos potenciais em Crítica Cultural e das Ciências Sociais, a saber, Kx Nhenety (ONG Thydêwá 2017), VIVEIROS de Castro (2015), Rondinelli (1997), REESINK (2002), Luciano (2006), Olívio Jekupé (2011), de NANTES (1896), Mignolo (2010), Mbembe (2014), Ginzburg (1986), Clastres (1978), Agamben (1978), Deleuze e Guatarri (1995), Derrida (2001), Moreira (2016). Será feita uma interface desse projeto com o Laboratório de Rádio web com intuito de propagar e difundir material audiovisual de atividades desenvolvidas pelo grupo em pesquisa. Espera-se com esse trabalho, revisar a Política de Língua Indígena brasileira, ao passo que tematiza o Povo Kariri-Xocó, com ênfase em sua Língua e na montagem de seu próprio dicionário cultural, evidenciando a maneira como se articulam para manter o bilinguismo na sua aldeia.

Palavras-chave: Kariri-Xocó. Política de Língua Indígena. Dicionário Cultural.

Trata-se de uma investigação acerca da Língua do Povo Kariri-Xocó e sua expressão político-cultural. Para tanto, será utilizado, neste momento inicial da investigação, critérios de levantamento e análise de fontes que estejam vinculados ao objeto a ser pesquisado, bem como todo material existente, desde traduções realizadas pelos padres jesuítas, missionários, no Período Colonial, reportados ao século XVI-XVIII, seja do conteúdo das Cartas Coloniais, as traduções de textos bíblicos e da gramática⁸, elaborada para uso pedagógico e religioso, na Aldeia do Porto Real do Colégio-AL. Mediante a dinâmica da língua, no tempo e suas variações, bem como os hibridismos com a língua portuguesa e com outros dialetos indígenas que formaram a língua a ser investigada, faz-se necessário uma sondagem mais ampla para possíveis esclarecimentos e entendimento para se conhecer desde a origem do seu tronco linguístico — a qual teve seu histórico de heterogeneidade, devido ao contexto das missões jesuítas, no qual os indígenas foram aglomerados no processo de aldeamento, juntamente com outros povos de línguas distintas. Espera-se no final da pesquisa a elaboração de um dicionário, atualizado com vocábulos e expressões do cotidiano dos seus falantes, bem como sua transcrição fonética, obedecendo às normas do Alfabeto Fonético Universal, a fim de promover uma dinâmica de compreensão e aprendizagem da língua desse povo de tradição cultural anterior à conquista do território brasileiro.

⁷ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia na Linha de Pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida, sob orientação do Prof. Osmar Moreira dos Santos. Endereço eletrônico: lisasuzart@hotmail.com.

⁸ “Arte de Gramatica da Lingua Brasilica da Nação Kariri, composta pelo Padre Luis Vicencio Mamiani da Companhia de Jesus, e missionário que foi nas aldeias da dicta nação [...]” (FERRARI, 1954, p. 19).

[...] Observações feitas por Carlos Estevão em 1953, quando se refere: Pelas investigações realizadas naquela cidade, constatei que ali vivem descendentes das tribus “Natu”, “Chocó”, “Caropotó” e possivelmente “Prakio” e “Nakonã” que segundo me declarou a velha cabocla “Natú”, Maria Tomázia⁹, foram também aldeadas em “Collegio” (FERRARI, 1953, p. 25 Apud PINTO, 1942, p. 172).

Acreditando que o bilinguismo na tribo pode ser estudado de maneira também formal, procura-se um aprofundamento com essa investigação que envolva discussões e reflexões, acerca da Política de Língua Indígena no Brasil, dentro deste universo pluricultural que já acompanha a dialética da vida da aldeia e que tem a língua dos brancos, a portuguesa, na fala do cotidiano e principalmente, ministrada nas instituições de ensino, municipal e estadual, da Pré-escola ao Ensino Médio. Desde a expressão oral ao ensino da língua escrita, se faz de grande importância investigar a língua falada deste povo, bem como fazer uma revisão da política de língua e se está sendo repensada ou mesmo revisada nas instituições de ensino, rumo ao engajamento e sua articulação coletiva para o bilinguismo nas instituições de ensino da aldeia, para assim garantir à nova geração a apreensão e manutenção da língua original desse povo. Considera-se então, critérios pautados no estudo comparado dessa língua com a Língua Portuguesa, a seleção de vocábulos a serem levantados.

Por serem as tradições, do povo a ser investigado, voltadas para a oralidade, é imprescindível que seja utilizada a Metodologia Histórico-oral, partindo da sondagem de letras de cantos de Toré¹⁰ — na atualidade os não-índios também são convidados a participarem, nos rituais abertos —, os quais são executados em atividades de cunho artístico-cultural, em eventos dentro e fora das aldeias. Os próprios nomes dos indígenas, de elementos da natureza, rios, fenômenos da natureza, etc., já servem de fonte para reconhecimento etimológico e assim o levantamento de seus significados com traduções fonéticas, os quais só enriquecerão o acervo vocabular para o material da pesquisa. Além disto, a audição de conversas, músicas de Rojões¹¹ e análise das suas letras; as histórias sobre os mitos da tribo, constituem, também, em fontes de extrema preciosidade, além de todo o vocábulo pertinente à fauna e à flora do universo desses indígenas. Sendo assim, não será descartada nenhuma história, recordações das memórias vivas que sejam relatadas por membros da tribo em questão.

⁹ Avó de José Nunes de Oliveira, NHENETY (“Guardião das Tradições” Kariri-Xocó).

¹⁰ Toré é uma dança que inclui práticas religiosas secretas, às quais só os índios têm acesso. O objetivo ritual do Toré é a comunicação com os encantos ou encantados que vivem no reino da Jurema ou Juremá, referência à bebida feita com a casca da raiz da juremeira. Quanto à dança, propriamente dita, ela assume características diferentes em cada comunidade. Atualmente entre os Kiriri, o Toré é dançado quase todos os fins de semana, reúnem homens, mulheres e crianças. Eles dançam em círculo. O Toré, atualmente, pode ser encarado como um “rito de passagem” da situação pejorativa de ‘caboclos’ para a situação juridicamente aceita de ‘índios’ – Sobre esse assunto é sugerido ler mais em ARRUTI, JM. Morte e Vida no Nordeste Indígena: in Estudos Históricos, vol. 08, Nº 15, Rio de Janeiro, 1995.

¹¹ Segundo explicação do Cacique de Grupo, Paruanã, estes são cantos de chamada de força para o trabalho em grupo; segundo Nhenety falou e também publicou pela ONG THYDÊWÁ em ROJÃO NA VISÃO DE NHENETY, KARIRI-XOCÓ, tópico 11:DEPOIMENTO HISTÓRICO/CULTURAL DO ROJÃO KARIRI-XOCÓ, “a palavra Rojão, Batalhão, Mutirão, Putyrõn, significa a mesma coisa, tanto para os Kariri-Xocó, como para outros povos indígenas, quanto para a sociedade[...]” vide site: www.thydewa.org/rojao.

Porém, a desconfiança dos historiadores tem também outros motivos, mais imediato, de ordem metodológica. Em comparação com os antropólogos e estudiosos das tradições populares, os historiadores partem com uma grande desvantagem. [...] Precisam então servir-se de fontes escritas [...] (GUINZBURG 2006, p. 12).

Portanto, será utilizado o Método Etnográfico, o qual dentro de estudos de etnias levanta as várias possibilidades de sondagem, sem abrir mão de nenhuma pista indiciária¹², e tampouco, sem finalizar nenhum achado com visão totalitária, pois “Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição” (GUINZBURG, 1989, p. 179).

Como forma de divulgar as atividades ao longo da investigação e com ela, a cultura e a arte indígena, propõe-se organizar um material audiovisual e em parceria com o Laboratório de Rádio web, organizá-lo num acervo de memória, o qual servirá como equipamento de difusão desta ciência. Podem ser coletados: filmagens de atividades, entrevistas, processo de pintura corporal, cantigas de rojões, confecção de artesanatos e instrumento musical, bem como tudo o que for contribuir para a produção de um material qualitativo. Além dos cantos tradicionais dos rituais e utilidades das medicinas sagradas.

Assim, será preciso manter o rigor, mas sem perder a flexibilidade, respeitando o sujeito em pesquisa, o qual, afinal, não será mantido como mero objeto em estudo, mas o sujeito inserido e envolvido na investigação. Como posto por Ginzburg, não será pretendido descartar nenhuma contribuição de achados para a investigação, assumindo, o pesquisador, características peculiares de um garimpeiro e mais ainda, de um astuto caçador: “Por milênios o homem foi caçador.” [...] “Aprendeu a farejar, registrar, interpretar, e classificar pistas infinitesimais como fios de barba” [...] (1989, p. 151).

A memória viva que não se apagou no tempo, mostra a resistência secular dos KARIRIS. Estes, muito bem representados pelos seus líderes, dentre eles, Nhenety, o ‘Guardião das Tradições’ e da língua. Este que desde a oralidade à escrita, serve de exemplar porta-voz dos Kariri-Xocó, seja em livros, periódicos, entrevistas, encontros tribais e intertribais, em universidades; sendo orientador de pesquisas acadêmicas, ao lado do sábio Pajé Suíra, o qual faz parte da sexta geração de sua família e seu filho, Cacique Suíra. O Pajé continua sendo o orientador espiritual e dotado de toda representatividade ancestral de seu povo, dentro e fora da aldeia, bem como na relação com outras tribos. “Nós, indígenas Kariri-Xocó, do Município de Porto Real do Colégio, em Alagoas, somos na realidade, um grupo de origem pluriétnica. Nossa formação vem dos Kariri, Aconã, Karopotó no século XVII, dos Tupinambá e Natu no século XVIII e dos Xocó no século XIX” (NHENETY, 2012, p. 14).

¹² Método Indiciário como percurso metodológico!

É de sumo importância conhecer a gênese que deu origem ao Povo que hoje, no século XXI, se mantém presente como uma fortaleza que resiste à História, ainda que contada nas entrelinhas, e ao tempo, sendo um grande sinal de resiliência das suas constantes insurreições. Após algumas interações com o Toré, complementadas com diálogos dos caciques de grupo, Paruanã e Pawanã, no Portal Tupinambá, projeto no qual participo, no Litoral Norte de Entre Rios-BA, onde resido, houve um despertar para o apelo da expressão política, contida no Ritual do Toré, no qual é cantada e ritmada a cultura viva do Povo Kariri-Xocó e sua identidade étnica.

[...] o pensamento descolonial vive nas mentes e corpos indígenas, bem como nas de afrodescendentes. As memórias gravadas em seus corpos por gerações e a marginalização sócio-política a qual foram sujeitos por instituições imperiais [...] (MIGNOLO, 2008, p. 291).

Do objeto de estudo, A Língua do Povo Kariri-Xocó, há muitas suposições e portanto, ainda em aberto nas investigações feitas por etnólogos. Considerado um dialeto, o Dzubukuá, do tronco dessa língua geral¹³, provindo do tupi e hoje classificado como do grupo Macro-jê, a Língua dos Kariri-Xocó, é, todavia, instrumento de ligação espiritual com a ancestralidade, porém se faz necessária a confecção de um material que seja acessível, nas escolas e também por pesquisadores que tenham interesse do contato formal com a língua. Para tanto, propõe-se com esta investigação a confecção de um Dicionário Cultural do Povo Kariri-Xocó, contendo a transcrição fonética, de acordo com as Normas do Alfabeto Fonético Universal: “[...] uma sintaxe em devir, uma criação de sintaxe que faz nascer a língua estrangeira na língua, uma gramática do desequilíbrio” (CERNICCIARO, 2018, p. 228 Apud DELEUZE, 1997, p. 127).

A resistência racional aplicada pelos indígenas, Kariri, foi uma estratégia de sobrevivência e essa “amistosidade”, supõem-se que foi a possibilidade de continuarem preservando a coletividade, aceitando em parte a aculturação, com o processo de aldeamento e conversão ao catolicismo, mas sem perder os seus princípios étnicos, através da prática ancestral do Ritual do Ouricuri¹⁴ e do Toré, além da língua que foi mantida, apesar da sua dinâmica. Junto com o sujeito da ação, os indígenas, preservando desta forma a sua identidade e sua cultura.

No passado, o homem branco fez muitas perguntas [...] E o índio respondeu: — O sol nasce e se põe em nossas terras; a linha do horizonte é o nosso limite, onde o céu se encontra com a terra, de forma circular, porque o nosso mundo é redondo (NHENETY-KARIRI-XOCÓ, 2012, p. 14).

Este pensamento expresso pelo escritor da tribo, altamente comprometido com esse devir que o faz lançar-se à pesquisas e vivências, só revitaliza o que Clastres (1978) nos diz: “O fato é que, se

¹³ Os que falavam outros idiomas que não era do tronco linguístico tupi, mas do grupo que hoje é classificado como Macro-jê. “Tapuias” Ferrari (1954, p. 38). Assim, com a implantação de uma chamada ‘língua geral’, de domínio dos jesuítas e aplicado nos aldeamentos, este era tido como um dialeto, derivado do tupi, contendo também hibridismos com a língua portuguesa.

¹⁴ Ritual Sagrado da Disciplina, na língua Dzubukuá; “O Segredo do Ouricuri”; espaço sagrado, com área de preservação ambiental, com cerca de 300 há de mata verde de preservação da fauna e flora.

nas sociedades de Estado a palavra é o *direito* do poder, nas sociedades sem Estado ela é, ao contrário, o *dever* do poder”. O espírito de coletividade e compromisso com os princípios de suas tradições são evidentes. Sejam eles índios ou não índios, seguem os princípios de respeito e obediência ao Pajé Suíra e seu filho, Cacique Suíra, demonstrando que ainda se pode viver em sociedade e com alteridade, seguindo, disciplinadamente, os princípios ancestrais.

REFERÊNCIAS

- ARRUTI, JM. *Morte e vida no nordeste indígena*. In: estudos históricos, v. 8, n. 15, Rio de Janeiro, 1995.
- BOSI, Alfredo. “*Um mito sacrificial: indianismo em Alencar*” dialética da colonização. Cia das letras: Salvador, 1992.
- CERNICCIARO, Ana Carolina. *Revista estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 53, p. 219-242, jan./abr.2018.
- CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o estado: pesquisa de antropologia política*; tradução: Theo Santiago; livraria Francisco Alves. 4. ed. Editora S.A: Rio de Janeiro. 1988 - Ano de publicação original: 1974.
- DELEUZE, G.; GUATARRI, F. *Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Editora 34: Rio de Janeiro, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz da Silva. Autêntica: Belo Horizonte, 2001.
- ESTATUTO DO ÍNDIO. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/estatuto_do_indio>. Acesso em: 31 ago. 2018.
- FERRARI, Alfonso Trujillo. Os kariri, o crepúsculo de um povo sem história. *Revista Sociologia*, n. 3, SP. 1957.
- FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio – 24. ed. Loyola: São Paulo, 2014. – (Leituras Filosóficas).
- GAMBINI, Roberto. *O Espelho Índio: Os jesuítas e a destruição da alma indígena*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
- GUINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso; tradução dos poemas José Paulo Paes; revisão técnica Hilário Franco Jr. Cia das letras: São Paulo, 2006.
- GUINZBURG, C. *Sinais – Raízes de um paradigma indiciário*. In: GINZBURG, C. Mitos, emblemas, sinais. Cia das letras: São Paulo, 1989.
- ÍNDIOS KARIRI-XOCÓ. Disponível em: <https://www.indiosonline.net/thydewa-o-que-e-quem-somos-e-o-que-pretendemos/>. Acesso em: 31 ago 2018.
- LUCIANO, Gersem dos Santos. *O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: MEC/SECAD; LACED/museu nacional, 2006. Coleção educação para todos. Série vias dos saberes, n, 1.
- MAMIANI, Luis Vicencio. *Da doutrina cristã língua brasilica da naçam kiriri*”; composta na aldeia dos Kiriri e impressa na oficina de Miguel Deslandes, impressor de sua mag. 1699.
- MEMÓRIA: ÍNDIOS NA VISÃO DE ÍNDIOS. Ong thydêwá, p. 14-15, 17. Ed. Coleção, 2012.

MIGNOLO, walter. *A opção descolonial e o significado de identidade política*. Traduzido por: Ângela Lopes Norte. Caderno de letras da uff (duke university, univsidade andina simón bolivar), dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.

NANTES, Frei Bernardo de. *Katecismo indico da língua Kariri*. Lisboa, 1709, foi reeditado em leipzig em 1896 por Plazmann em fac-simile.

NUNES, Antonietta D'aguair. *Conhecendo a história da Bahia: da pré-história, 1815*. Quarteto: salvador, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. *Revista de Antropologia da UFSCAR*. São Paulo, 2015.